

HELENA

DRAMATURGIA DE FRANCIS MADSON E ERIC LIMA

Copyright © 2020 – Ateliê 23 – Todos os direitos reservados

MANAUS – AMAZONAS

Ateliê 23

HELENA

1º Tratamento – 12/10/2020

2º Tratamento – 28/10/2020

3º Tratamento – 01/11/2020

4º Tratamento – 02/11/2020

5º Tratamento – 23/03/2022

TODOS { *Helena respira
Tua fé vai te levar
Aprende a nadar
Pra água te levar
Láralá Láralá*

CENA PRETO VELHO

JEAN **Preto Velho:** – Essa Muié não é nem de longe uma figura mitológica. Ela é de carne, fé e osso. É chão molhado. Um ventre úmido que cabe dois erê, que amarás tanto. Ela não é modelo. É zelo. Sob meu cajado tu, fia, farás santuário. Vai Muié, “andarilhar”. Essa muié é de carne, osso... e fé.

CENA LENINHA

SARAH **Leninha:** – Ôncotô, ôncotô? – O tempo não deu conta de mim, que vim “tiquim” de gente. “Tiquim” de Helena, Leninha! – Não, sou “di Belzonte”, filha de Mundita, que resolveu explodir de dentro para fora. Saudades demais docê, mãe. Volta? Às vezes, eu me pego contando o “batê” do coração, vê se está tudo certo, né? Um dia vai que tem um “PÁ”. É difícil entender, olha meu tamanho, mas parece que minhas mães fizeram um acordo com Deus para ficar tiquim de tempo comigo. Eu até perdi a medalhinha que eu poderia usar pra rezar quando eu sentisse saudade...

Todos: – LENINHAA!

Leninha: – Mãe? É a senhora?

JULIA **Helena Adulta:** – Mundita, era enfermeira do Sanatório Eduardo de Menezes em Minas Gerais, hoje, Hospital.

Mundita: – Leninhaaaa!

Helena Adulta: – Enfermeira Chefe, conhecida por sua destreza com as agulhas e injeções na enfermaria, apesar do braço esquerdo comprometido com elefantíase.

Mundita: – Leninhaaaa! Cadê tu menina?

Helena Adulta: – Leninha não veio do ventre de Mundita. Mundita, na verdade, fez o parto de Maria da Penha, que engravidou de um cantor famoso da época. Um reboliço só que só vai ser resolver no céu, noutra encontro. Maria da Penha morreu três dias depois do parto, e isso é um mistério que eu como filha tenho medo de mexer.

Mundita: – Leninhaaaaa!

Helena Adulta: – Na morte da minha Maria da Penha, Mundita se fez mãe! Minha mãe!

Mundita: – Leninha, vem aqui que eu preciso falar com você!

Leninha: – Oi mãe!

Mundita: – Parabéns pra você, nessa data querida, muitas felicidades muitos anos de vida!

(Mundita entrega uma medalhinha)

Leninha: – Obrigada, mãe!

Mundita: – Filha, eu preciso te falar uma coisa... Que cheiro é esse, Leninha?

Leninha: – Cheiro? Eu não tô sentindo cheiro de nada não, mãe!

Mundita: – Leninha... Abre a boca?

Leninha: – Eu não vou abrir nada não.

Mundita: – Abre logo menina, tá achando que eu sou tua pariceira?

(Leninha abra boca contra gosto.)

Mundita: – Tu tá fumando, Leninha?

Leninha: – É... que...

Mundita: – É nada. Eu não quero você fumando.

Leninha: – Mas eu queria experimentar...

Mundita: – A gente só experimenta o que não pode com responsabilidade, entendeu, Leninha? Onde já se viu, essa menina com 11 anos, fazer o que quer.

Leninha: – Mas era Continental, tá!?

Mundita: – Mas olha! Tu te ajeita, abençoada, nem parece que nasceu no mesmo dia que Cristo. Seguinte, se quiser fumar, fume dentro de casa, sob meu olhar, entendeu? Eu já tenho muita coisa para cuidar no sanatório, e eu não quero ninguém de lá se metendo na minha vida e falando de você por aí. Estamos combinadas?

Leninha: – Tá, mãe! Mas o que a senhora queria falar comigo?

Mundita: – Ah sim! Senta aqui.

CAROL {
Filha, eu sei que ainda é cedo
Muita água vai rolar
Mas querida minha saiba
Nada vai te segurar

{
Filha, por favor não chore
Forças você vai encontrar
Mas também não se endureça
Meu amor vai te guiar

SARAH {
Mãe, ainda é muito cedo
Eu ainda não sei nadar
Vou remando nessa vida
Enfrentar o rio e o mar

AMBAS {
Eu te amo e já nem sei
Como vou viver sem ti
Nada vai nos separar
Ao meu lado / Ao teu lado

SARAH *Você estará*

CAROL *E a tua fé vai te guardar*

Leninha: – Mas mãe...

Mundita: – Engole já esse choro, menina. Hoje você vai guardar suas lágrimas, você ainda vai ter muito tempo pra soltar elas depois.

Leninha: – Cê vai onde, mãe?

Mundita: – Vou passar um café. Fecha os olhos, e sempre lembra do pedaço de mim dentro de ti. Confia em ti e na tua fé. Ela não vai ser fácil de existir e muito menos você.

(Leninha pega no peito)

Leninha: – Minha medalhinha!

(Ela guarda no bolso e continua)

Leninha: – Hoje eu vou ser coroada Rainha da Primavera...

Helena Adulta: – Eu vou fazer um percurso nessa terra tão dolorido.

Leninha: – ...Porque a mãe Mundita conseguiu vender todas as rifas!

Helena Adulta: – Dor de mãe, dor mulher!

Leninha: – Eu sou “tiquim demais” para seguir esse caminho. E se for escuro?

Helena Adulta: – Sempre é, mas a filha de fumaça não tem medo.

Leninha: – Tá bom! Mas paizinho, só te peço uma coisa...

Helena e Leninha: – ... que eu tenha força para ver os meus filhos crescerem.

Leninha: – Depois pode voltar e tomar minha fé em fumaça.

Helena Adulta: – Que é? Helena, meu nome.

TODOS

*Ôh Helena, ôh Helena
Vai embora com a água
Vai embora com a água*

*Lá nas praias dos lençól
Lá tem três maresias faladas
Lá na praia dos lençóis
Lá tem três maresias faladas
É numa delas, é numa delas
É numa delas que Toya Jarina é encontrada
É numa delas, é numa delas
É numa delas que Toya Jarina é encontrada*

CENA LENA

ERIC **Lena:** – Sabe quando você chega na Caduzôto já com vontade de sair? Garrei nesse desejo. Ô coisa boa deve ser sair voando por aí, igual fumaça. Eu gostei de Manaus. Gostei! Eu só queria ficar logo mais velha e sair com as amigas para tomar cerveja, fumar e paquerar, mas tia Geralda marcava em cima... Eu aprontava, mas eu sabia que devia respeitar quem cuidava de mim.

CAROL **Helena Adulta:** – Arreda daí, Lena, que tia Geralda tá entrando com as compras.

Lena: – Tia Geralda que me recebeu aqui em Manaus, não é que ela ganhou espaço grandão dentro de mim? Ela sempre dizia que quem faz coisa errada, fede. Assim ela sentia no ar o cheiro dos meus atrevimentos.

JEAN **Geralda:** – Helena Araripe, já é a terceira vez esse mês que sou chamada para ir à Escola, télesa, mana? Eu tenho mais o que fazer. Sabe de uma coisa? Sua mãe, que Deus a tenha, deve ficar envergonhada com o teu comportamento...

Helena Adulta: – Era só tocar no nome da minha mãe que eu ficava chorosa. Tia Geralda sabia me deixar sensível.

Lena: – Ixe, será que chamaram ela porque eu levantei a saia da freira por um empadão? Acho que não, né!? Ah, mas quem disse que bicho fumaça se pega com mão.

Geralda: – Quero só vê o que a senhorita aprontou.

Lena: – Calma, tia! Que eu ainda vou aprontar demais... não vai ser uma, nem duas vezes. Como se diz aqui em Manaus, onde eu tiver vai ter “papoco”. Mas te prepara, porque eu também vou precisar sossegar no teu colo em dias de saudade.

CENA EU TÔ GRÁVIDA

JULIA **Helena:** – Gente! Eu tô grávida. E eu não quero.

É que pra ser atrevida, exige um risco. Coragem. Araripe, montanha do Ceará sendo mulher. Tá pra ti? Vou abrir a boca do tamanho do ventre, e expulsar tudo que nele aperta. O que eu digo é meia dúzia de palavras e, o resto, é carne machucada dentro de mim por ser dona de si. Helena, meu nome! Filha da fumaça. Nem muro com caco de vidro segura. Você sabe que eu não gosto de lembrar disso, parece porrada dentro de mim. Eu tinha dezoito anos. E só. Eu não queria essa criança... Não, eu não cai da escada, eu tirei. Tirei de mim. Pronto, tá satisfeito!? E não olha pra mim desse jeito, porque Eu sou a minha própria ética. Sou eu que murmuro pro vento onde ele tem que soprar e a fé é guardiã de mim. Você nunca vai entender por não ser um “tiquim” de mim. Eu não queria porra.

CENA CAUBY PEIXOTO

Fãs: – Cauby me dá um autógrafo. Olha pra mim Cauby. Eu te amo. Tira uma foto comigo...

TACIANO

*Conceição
Eu me lembro muito bem
Vivia no morro a sonhar
Com coisas que o morro não tem*

*Foi então
Que lá em cima apareceu
Alguém que lhe disse a sorrir
Que, descendo à cidade, ela iria subir*

*Se subiu
Ninguém sabe, ninguém viu
Pois hoje o seu nome mudou
E estranhos caminhos pisou*

Só eu sei...

SARAH Helena: – Alô

TACIANO Cauby: – Oi

Helena: – Alô, quem fala?

Cauby: – É da parte de quem?

Helena: – Eu queria falar com o Cauby, Cauby Peixoto.

Cauby: – É ele, pode falar.

Helena: – É Helena, de Manaus.

Cauby: – Helena, minha filha!? Aconteceu alguma coisa?

Helena: – Não. Eu soube que você vem aqui, em Manaus, fazer um show.

Cauby: – Sim, vou fazer um show no “Teatro Amazonas”.

Helena: – Então eu pensei que a gente podia finalmente se conhecer.

Cauby: – Ah claro, claro. Você vai ao show e quando acabar eu recebo você junto com os fãs, pra gente tirar uma fotografia.

(Silêncio)

Helena: – Não precisa.

Cauby: – Helena aconteceu alguma coisa?

Helena: – Não, eu tô bem.

Cauby: – Ué, mas o que mais você pode querer além de uma fotografia?

Helena: – Nada. Eu vou ficar bem. Eu tô ótima.

Cauby: – Hel...

Helena: – Tchau!

Helena: – Qual é a mentira que eles esperam de mim? Sim, é possível que Maria da Penha, aquela que morreu no meu parto no Sanatório Eduardo de Menezes, tenha tido uma filha com Cauby Peixoto. Ela nasceu Helena. Não “Helena da Penha” e nem “Helena Peixoto”. Só Helena. Eu, de fato, telefonei ao Cauby quando ele veio (foi) a Manaus se apresentar no grandioso Teatro Amazonas, e até a morte dele em 2016, nós nunca mais nos falamos.

SARAH

*Qual é a mentira que eles esperam
Esperam subir nesse palco
Rainha da primavera precisa sorrir
Até ela chegar de fato
Eles não calam a porra da boca*

SARAH

Eles tão presos na TV
Não sabem o que é decepção
Minha voz é abafada enquanto cantam Conceição

Conceição, Conceição
Que decepção, que decepção

CENA AMIGAS

Amigas: – Helena! Helena!

ERIC **Amiga 1:** – Gente, energia é essa. Ai, não, Ediel, solta mais uma de superação!
(um samba começa a tocar)

JULIA **Amiga 2:** – Helena, tu se criou sozinha desde os 12 anos, e acha que vai precisar de pai uma hora dessas, ah me poupe!

Amiga 1: – Diz pro Cauby que se ele não gostô da filha maravilhosa que ele teve pra ele enfiar o dedo no cu e rasgar...

Amiga 2: – Você é maravilhosa, amiga, não precisa de homem nenhum, lembra disso!

Amiga 1: – Ai, Helena vem pra cá! Tem Minister!
(o samba se torna um batida de umbanda)

CENA CARLOS, PRIMEIRO MARIDO

CAROL **Helena:** – Qual é o seu nome?

JEAN **Carlos:** – Carlos. Prazer...

Helena: – Prazer é meu. Eu sempre venho aqui porque o terreiro é meu pedaço no mundo de fé – Ei, Carlos, a mãe de santo tá te chamando... a gente se vê por aí...

Helena Adulta: – Sabe quando você perde a localização? Eu perdi o chão quando conheci Carlos aos 26 anos, no terreiro. Atrevi viver o amor tão intensamente que vendi tudo que eu tinha pra capar o gato de Manaus para Brasília com ele.

CARLOS	HELENA
Helena	Carlos
Espera um pouco	Fome
Deixa só eu terminar de ler o Jornal	Desejo

Espera, Helena!	Por favor, compra uma lasanha
Só um instante, Helena	Carlos, eu estou grávida!
Que?	-
Helena Adulta: – Parece que em planos de homem, filho é erro. Eu engravidei do Taciano, o mais velho.	
Filho?	Seu filho
Como assim, filho?	Teu filho, ora
Porra, Helena, tu é foda. Tu quer foder com meus planos?	<i>(Sorriso largo)</i>
Helena Adulta: – Carlos era advogado, morava em bairro nobre de Manaus junto com a ex-esposa e um filho. Um homem do interior que desejava ser vereador.	
<i>(Sorriso Largo)</i>	Eu vendi tudo para construir uma nova vida em Brasília.
Eu já tenho um filho, e ele não é teu. Por que foi que tu fez isso, Helena?	Mas fomos nós que fizemos
<i>(Carlos puxa o cabelo de Helena, o jogo se quebra e um embate acontece)</i>	
-	A próxima vez que você tocar em mim, eu te mato.

Helena Adulta: – Era comum, em momentos de briga, Carlos puxar o meu cabelo. Um hábito de homem fraco. Eu peguei uma faca e apontei pra ele, enquanto uma voz ecoava na minha cabeça que eu sou filha de preto velho, filha da fumaça. O medo não agarra em mim. Taciano veio ao mundo em Brasília. Quando eu olhei pra ele, eu ganhei força pra decidir deixar o Carlos. Eu não quis trazer um centavo daquela vida. Voltei pra Manaus com o meu filho, porém sem nada. Nada. Mas nada é um eco interno que filha de Penha e Mundita sabe transformar em verbo. Eu logo disse: Nada, Helena. Nada, Helena.

MULHERES {
Sou de nãã euá euáeuâê
Sou de nãã euá euáeuâê
Sou de nãã euá euáeuâê
Sou de nãã euá euáeuâê

CENA CERÂMICA

Taciano: – Uma vez quando eu, Taciano, tinha 6 anos, eu estava sozinho em casa, e a nossa casa era de madeira e cimento queimado, chão batido que fala, que tinha que molhar antes de varrer, pra não levantar poeira. A minha mãe tinha acabado de comprar as cerâmicas pra colocar nele, e era a primeira vez que eu ia morar numa casa com cerâmica. Um dia ela tinha saído pra trabalhar, daí eu vi a caixa no canto da sala, e tirei uma de dentro... Eu peguei a cerâmica e coloquei bem no meio da casa, subi nela e fiquei imaginando como seria quando tudo fosse de cerâmica. Como ia ser varrer e passar pano num piso lisinho. Esse foi um dos maiores presentes que ela me deu, e ela nem sabia disso, até hoje... E vocês sabiam que minha mãe é professora há 35 anos.

CENA PROFESSORAS

(Todas as Helenas falam. Algazarra)

Helena: – Nesses 35 anos, eu dei aula pra Redenção inteira. Até duas velhinhas lá da igreja já foram minhas alunas... no EJA é claro! No EJA.

CAROL **Helena:** – É muita história mesmo, porque quando eu voltei pra Manaus sem um puto, até morar na escola que eu dava aula, eu já morei, inclusive o Taciano, meu filho mais velho, cansou de dormir embaixo do quadro de giz enquanto eu escrevia o alfabeto inteiro. Acho que tanto pó de giz que caiu nele, esse menino saiu doutor.

JULIA **Helena:** – Ééé, eu nunca disse que foi fácil ser professora, não. Antes de entrar na prefeitura eu fiquei seis meses sendo sustentada por amigas. Foi quando eu conheci uma criatura, casada, ficamos, né? Sou atrevida. E tu não sabe da melhor, ele era amigo do prefeito da época que, por acaso, eu quase também tive trêlêlê, mas foi QUASE.

Helena: – Olha, menina, atrevida mesmo. E quem era esse prefeito?

JULIA **Helena:** – Ah eu não vou expor desse jeito não, não falo. Vou dar uma dica só: o símbolo da campanha dele era uma abelhinha.

Helena: – Ei Helena, por pouco esse zangão não provou do mel da tua florzinha.

JULIA **Helena:** – Tu me respeita, menina!

(todas gargalham)

ERIC **Helena:** – Pior que foi assim que eu entrei na prefeitura. Antigamente não tinha concurso, tinha que ser pelo contato. Daí eu tava lá tomando uma cervejinha com esse namoradinho-amigo do prefeito e contei que eu tinha o curso de magistério, aí ele disse algo que é música pro ouvido de qualquer brasileiro até hoje: “Helena, eu vou te arranjar um emprego. Eu vou marcar uma reunião com o prefeito.” Daí eu pensei, essa é a minha chance! No dia da reunião, eu me arrumei todinha – mas esse o plus porque minhas notas eram as melhores da

minha turma, tá!? Perpetua que me desculpe, mas eram – Daí eu cheguei logo jogando a real: “Preciso de um emprego”. Daí ele me deu um cartão pra que eu aparecesse na secretaria de educação. Fui na secretaria, mostrei o cartão... fui empregada na hora!

Helena: – Eu nunca pensei que essa história de 35 anos de magistério começaria com um copo de cerveja.

JEAN

Helena: – Vou falar três coisas: Escola, Zeladora e Molho de chaves. Ô, mulherzinha escrota. Graças a Deus que gente enviesada demora morrer, mas morre. Dona Etelvina morreu, mas que Deus a tenha. No dia seguinte a Escola tava um silêncio, mas eu sabia que por dentro tava todo mundo aliviado. Mas dizem que é no silêncio que o medo chega. Dito e feito: campinha batia, entrávamos nas salas e, do nada, eu juro, só se ouvia no corredor (*toca o molho de chaves e todas reagem se benzendo e com calafrios*). O bom disso é que quando os meninos enchiam o saco, eu falava logo: “Vou já chamar Dona Etelvina”.

ALUNO – Professora! Professora, ele tá me empurrando aqui óh!

Helena: – Menino, eu não já te falei que é pra você se aquietar. Égua do menino atentado. Vou já chamar Dona Etelvina. Esses meninos de hoje em dia são osso, quando eu era criança eu não era desse jeito!

Helena: – Aham, até parece, né Helena!? E quem é que foi expulsa porque levantou a saia da freira por causa de um empadão?

Helena: – Eu nunca disse que eu fui santa também! Mas eu melhorei que só, tá!?

TAZIAN

Helena: – Uma vez, eu tive um problema com professor, lá no Instituto de Educação do Amazonas que me reprovou e por causa dele que eu não fui enfermeira. E tu não sabe porque ele me reprovou. Foi porque eu não quis dar pra ele. Ai, eu fui lá com a diretora reclamar e, sabe o que ela me disse? “*Helena, quem manda na sala é o professor*”. Mana, era melhor ela ter me dado um soco. Eu fiquei com tanta raiva. Guardei aquilo e não fiz mais nada porque eu não queria ser expulsa da escola, de novo, né? Mas hoje dentro da minha sala eu falo, quem manda nessa porra aqui sou eu.

Helena: – Bora, junta todo mundo aqui pra gente fazer a foto. Todo mundo olhando pra frente.

Helena: – Ai, não quero tirar foto. Odeio tirar foto. Eu fico invertida. Eu não quero ser exposta.

Helena: – Menino, tu sujou toda tua roupa. Olha pra frente e todo mundo diz: xis.

(*Todos – Xis*)

CENA ESPÍRITO DE MUNDITA

Mundita: – Leninha?

Helena: – Que Leninha, menina. Helena!

Mundita: – Tá fumando ainda, Leninha? Cê só pode fumar debaixo da asa da sua mãe, lembra?

Helena: – Mãe? É a senhora?

Mundita: – *Minha pequena eu sei dá medo*

Tempestade vai chegar

Acredita na tua força

Essa dor tem data pra acabar

Helena: – Mãe, eu me sinto tão só. Eu só tinha a senhora no mundo.

Mundita: – Me desculpa, minha filha. Desculpa por não ter cuidado do teu caminho até aqui antes de partir. Eu te olho daqui. Teu Deus sempre te guarda. Mas perdoa a mãe por não ter desenhado os ladrilhos que você pisaria na tua jornada. Eu achei que eu era eterna. Eu queria ser pra te guiar uma vida inteira.

Helena: – Tá tudo bem, mãe. É só que eu sinto falta de ter alguém pra chamar assim: mãe. Dizem que mãe a gente só tem uma. E eu que tive duas, hoje não tenho ninguém pra chamar assim.

Mundita: – Eu sei minha filha, a vida tem dessas.

Helena: – E a senhora tá bem?

Mundita: – Aqui é calmo, tranquilo. Eu tô em paz minha filha. É como se eu tivesse existindo dentro dos acordes de Clara Nunes. Mas é você que é minha filha, eu que tenho que cuidar de você, não se preocupe comigo.

Helena: – Eu tenho um menino agora. Eu tinha tanta coisa pra lhe perguntar, eu não sei se tô fazendo certo, eu não sei se ele tem o que ele merece. Eu tô tentando fazer o meu melhor, mas eu sempre me pergunto e se eu for cedo demais que nem a senhora? Eu não posso deixar ele sozinho. Tem tanto do mundo que eu ainda não sei, que eu ainda não ensinei.

Mundita: – A gente nunca sabe do futuro, e nem se tá fazendo certo. Um dia ele cresce e te conta, até lá, segue teu coração. Tem tanto de mim em ti. Eu também tive medo. Eu também quis te mostrar tão mais do que consegui. Mas olha, ele tem dois anjos da guarda. Tá bem cuidado aqui e aí. Lembra de não endurecer minha filha. A vida vai ser difícil ainda.

Helena: – Mas é por isso é eu tenho que ser forte.

Mundita: – Ser forte não é ser rocha. Você foi feita pra desaguar. Tem muita água dentro de ti. Solta esse rio. E olha tua fé, tá judiada demais. Você ainda vai precisar muito dela. Achou a medalhinha?

Helena: – Não. Perdi.

Mundita: – Você não precisa dela. Só não se perca também, minha filha. Vou ali... passar um café.

Helena: – Já vai? Não me deixa com saudades que eu não sei fazer nada com ela.

Mundita: – Eu nunca fui, filha. Aprenda de vez...

CENA VERMELHO

(Berimbau toca)

Helena – É impossível pra mim ouvir um berimbau e não lembrar do Vermelho. Mestre Vermelho. Era assim que todo mundo conhecia o Cecílio, professor de capoeira do Taciano e pai de meu segundo filho, Eduardo, meu caçula. Uma lapa de homem, quase 1,90 de altura... Pena que do tempo em que ficamos juntos, a maior parte eu fui enfermeira, e não companheira. Vermelho sofreu dois derrames graves. E eu tive que cuidar dele, um homem que dava dois de mim, por 7 anos. Eu nem sei como eu consegui. Eu tinha que trabalhar, cuidar dos meus dois filhos e agora também do Vermelho, que eu tirava da cama, pra colocar na cadeira, pra colocar no vaso, pra dar banho. 7 anos. E eu? Eu já não sabia mas meu nome e minha fé, meu filho, andava judiada demais. Eu só tive forças de orar uma última vez: “Deus ou o Senhor cura o Vermelho, ou leva ele? Porque eu tô cansada. Eu não aguento mais.” Era 30 de Dezembro de 2007. Eu tava dormindo. Daí, Vermelho, fez um grunido. Eu dormindo, 30 de dezembro, quase ano novo, eu tava de folga, descansando. Falei “*O que é, quer ir no banheiro?*” Quando eu toquei nele ele tava igual uma pedra de gelo. Aí eu pulei, saí correndo, peguei remédio pra por debaixo da língua, lembrei que a médica disse que eu tinha que molhar a toalha e botar aqui pra voltar a temperatura do corpo. Só que na hora que eu fui correndo lá atrás pegar a toalha, quando eu cheguei no degrau, só veio uma voz na minha cabeça: O que foi que tu pediu, Helena? O que foi que tu pediu? Ai, eu me acalmei, fui, peguei a toalha, mas não fiquei naquele desespero que eu ficava. Ele só me olhou e falou assim: Eu não consegui. – Ele não conseguiu me chamar!

CENA EDUARDO

Eduardo: – Eu nunca gostei de falar sobre a morte do meu pai também. Acredita que a capoeira nunca foi meu desejo? Eu cresci me espelhando nas fotos que tinha em casa a imagem do meu pai, o grande capoeirista vermelho. Tenho

vagas lembranças do pai antes do primeiro AVC. Aquela figura paterna, era apenas uma presença que eu gostava muito. Eu esperei que ele melhorasse para reatar aquela figura de pai. Jogar capoeira juntos. A medida que via meu pai ali parado, meu irmão se fazia meio pai para mim, mas no percurso da vida, eu fui aprendendo a ser só. Aprendi com Helena que boa parte da vida é vivida sozinho. Sim, poderia ter sido diferente se ele estivesse vivo, mas vamos deixar isso, como fala a Helena, para o mistério. Eu fiquei preso nessa ideia do meu pai melhor. Meu irmão, aliviado. E minha mãe carrega no corpo até hoje as marcas dos anos de dedicação que teve com a gente. Não gosto muito de falar da infância.

*Não deixe quem você é
Te deixar para trás
O passado é uma roupa
Que não cabe mais
A dor faz parte do seu corpo
Somos grandes pra aceitar tão pouco
Tão pouco
Os meus pés já estão machucados demais
Eu lutei contra o mundo
Pra ter minha paz
Por um longo esqueci quem era
Sem sequer me olhar
Sem me respirar
Então olha pra mim*

*Eu preciso voltar a andar
Os meus pés já estão machucados demais
Eu lutei contra o mundo
Pra ter minha paz
Eu preciso voltar
Eu preciso voltar
Eu preciso voltar a andar*

CENA EU TÔ CANSADA

Helena – Eu tô cansada. Eu tô perdida demais, mãe. Pai, me faz fumaça... Reabilita minha fé? Passo a mão na cabeça para lembrar do tamanho do meu

teto interno. Venderam-me, aos poucos, metro a metro até sobrar “tiquim de mim”. Eu estou cansada de ser cem helenas em uma. Eu perdi o atrevimento da Lena levantadora de saia. Hoje, eu não consigo mais chorar, mas eu choro e fico puta, porque sou ambígua. Eu estou cansada, pai. Enjaularam-me aqui nesse lugar, porque eu já não consigo sair. O rosto de cada um que passa por mim, me faz lembrar o que eu poderia ter vivido de bom. Eu me apoiei na fé. Não tenho vergonha de ter sido de terreiro e ter dançado muita gira. Hoje eu sou mulher de fé, filha de Cristo, mas eu não consigo deixar de ter vocês dentro de mim, mãe Mundita e preto Velho. Confesso, pai, que estou cansada dessa fé que deveria me guardar, mas exige tão profundamente de mim. Cadê a minha medalhinha, meu pai? Eu cansei pai. Estou sentada na mesa da sala, comendo o pão velho da esquina, lembrando do desejo do afago da minha mãe. Já esqueci como se fala belorizonte. Oncotô, proncovô. Eu estou cansada, cansada. Esgotei. Estou puída por dentro. Eu catei a fé dentro de mim e me reinventei. Eu gritei dezenas de vezes: fé, aparece logo aqui que quero conversar contigo. E os meus filhos tão aí cheios de atrevimentos com o mundo. Um é todo pra dentro e o outro todo pra fora. Eu não consegui ensinar fé a eles, porque perdi muito tempo arrumando as decisões que tomei na vida, Pai. Tomou a vida inteira. É covardia colocá-los no mundo sem armar a fé no peito deles. Vem logo conversar comigo, porque estou cansada. Talvez, eu precise reescrever fé ao lado daquela menina que ensinei a escrever o próprio ser.

CENA PRETO VELHO

PRETO VELHO: - Helena, sou eu quem falo contigo. Sou teu Deus, sou vermelho, sou Mundita. Levanta e canta. Canta, Helena, canta.

(Helenas riem compulsivamente)

*Vou deixar
A poeira assentar
Fazer chão
Batido preu sambar
Pai do céu
Vem pra mim olhar
Nessa água*

Eu vou me molhar

Foram me chamar

Quem é que murmura pro vento onde tem que soprar?

Helena

Quem é que nem muro com caco em cima segura?

Helena

Quem é que sem nada a vida cansou de deixar?

Helena

Mas quem é que nada em verbo transforma, é ela!

Helena

Eu nadei!

Eu fiz do meu choro um rio

Ri muito

Gargalhei

Gaitai

Banzeiro quem fez fui eu